

Análise dos sonhos das famílias acampadas como base para o desenho de Arranjos Produtivos Agroecológicos dos lotes de assentamentos rurais

Ana Paula Capello Rezende/educanda UESC, pesquisadora USP/ESALQ – umbuana@yahoo.com.br

João Dagoberto dos Santos/pesquisador USP/ESALQ – jdsantos43@gamil.com

Jaenes Miranda Alves/professor UESC - jaenes@uesc.br

Marcos Sorrentino/professor USP/ESALQ – sorrentino.ea@gmail.com

Paulo Yoshio Kageyama/professor USP/ESALQ – pkageyama@usp.br

RESUMO

Tendo a agroecologia como estratégia de desenvolvimento rural para assentamentos de reforma agrária, o presente trabalho visa contribuir no planejamento dos futuros lotes das famílias do Assentamento Jacy Rocha – Prado/BA, seguindo os princípios da agroecologia, aplicando conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, tendo a biodiversidade, os sistemas agroflorestais e a educação popular como elementos fundamentais desta construção. Desta forma, este estudo parte dos sonhos das famílias levantados em um diagnóstico socioeconômico que entrevistou cada uma das famílias, seguido do trabalho técnico coletivo de pesquisa e proposição de arranjos produtivos em desenvolvimento junto à Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e da equipe do Programa Assentamentos Agroecológicos vinculado ao Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental NACEPTECA, da Universidade de São Paulo/Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - USP/ESALQ.

Palavras chave: assentamentos rurais, agroecologia, planejamento participativo, diagnóstico socioeconômico, sonhos.

INTRODUÇÃO

A construção da agroecologia em assentamentos de reforma agrária como estratégia de desenvolvimento rural sustentável apresenta-se como caminho viável na melhoria da qualidade de vida das famílias envolvidas nesses processos, juntamente com uma forma menos impactante de relação com o meio ambiente. Segundo Gliessman (2005), “a agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável”.

Na realidade do extremo sul da Bahia, onde predomina uma paisagem com uso e ocupação de pastagens para criação de gado bovino, silvicultura com imensas plantações de eucalipto, monocultivos de frutas e café (SEI, 2008), está presente também a luta pela terra em mais de 60 acampamentos e assentamentos vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e a alguns outros Movimentos Sociais de luta pela terra. No caso específico do MST, a agroecologia está pautada como desafio central, tanto para reestruturação de assentamentos antigos, como para criação de novos modelos de assentamentos. Nos municípios de Prado, Teixeira de Freitas e Alcobaça sete pré-assentamentos vinculados ao MST vivenciam este desafio baseando-se em três questões principais:

“Primeiramente, partir da realidade concreta, compreender o modelo de produção que está imposto ao campo e a necessidade de mudança de modelo; segundo, enfatizar a mudança nas relações de trabalho, buscando eliminar a penosidade do trabalho, a exploração do trabalho do homem sobre o homem e a inserção da família no processo produtivo e; terceiro, reconhecer as relações sociais e ambientais que compõe esta mudança, a cultura que as famílias trazem consigo, a relação que estas estabelecem com o entorno e com o meio ambiente e a necessidade de superação do processo histórico de degradação (ESCOLA POPULAR... 2014)”.

Desta forma, conhecer a realidade e partir dela para transformação do modelo de produção e das relações sociais existentes são passos fundamentais nessa caminhada. Esses pré-assentamentos, são acompanhados desde 2012 pelo Projeto Assentamentos Agroecológicos, parceria do MST com a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo – ESALQ/USP através do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental no contexto do Programa Assentamentos Agroecológicos (NACE-PTECA) e da OCA – Laboratório de Política e

Educação Ambiental, e uma articulação interinstitucional com setor público (governo da Bahia, INCRA) e privado (empresa do setor florestal).

O Projeto Assentamentos Agroecológicos busca junto às famílias das comunidades envolvidas, fortalecer o desenvolvimento de práticas agroecológicas na estruturação de assentamentos rurais, de forma a contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos envolvidos. As principais frentes de atuação são a agroecologia e a agrofloresta como práticas políticas e técnicas fundamentais ao processo, e a educação popular como principal caminho para construção do conhecimento e emancipação das famílias.

Os sistemas agroflorestais se inserem no contexto da aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis (GLIESSMAN, 2005) e na recuperação de áreas degradadas, considerado um sistema de baixo impacto e ecologicamente adequado, quando comparado a várias outras tecnologias de produção. A agrofloresta preza pela utilização consciente dos recursos naturais existentes, de forma que “a sua manutenção signifique também a continuidade do sistema produtivo, potencializando o fluxo contínuo de bens e serviços” (SILVA, 2013).

Como estratégia para melhoria dos Arranjos Produtivos Locais a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, trabalha em suas áreas demonstrativas o aumento da agrobiodiversidade como ferramenta para a sustentabilidade dos agroecossistemas, ressaltando a melhoria no equilíbrio do ecossistema com enfoque na coevolução entre espécies (KAGEYAMA, 2008).

As ações da Escola Popular e da equipe técnica do Projeto Assentamentos Agroecológicos tem o potencial de dialogar e planejar com as famílias antes do estabelecimento das mesmas nos lotes, uma vez que a área do assentamento ainda não foi cortada/dividida. Desta forma, ações como a elaboração dos mapas de uso e ocupação das fazendas, mapas de adequação ambiental, a proposta de organização dos lotes em núcleos de moradia, atividades de formação em agroecologia, estruturação de 7 áreas demonstrativas de 1ha cada para estudos e práticas agroecológicas, elaboração de proposta de Alfabetização Agroecológica Ambientalista, com o intuito de erradicar o analfabetismo nas comunidades envolvidas, fortalecem a construção da agroecologia junto às famílias que serão assentadas em breve. É uma oportunidade única de construir junto com as famílias a compreensão da transição agroecológica antes mesmo da chegada ao lote.

METODOLOGIA

O presente trabalho analisa algumas informações dos questionários socioeconômicos realizados junto às 120 famílias do Acampamento Jacy Rocha, existente desde 2010, localizado no município de Prado-BA. A parte inicial de coleta de dados em campo foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2013 pela equipe técnica do projeto Assentamentos Agroecológicos. Realizou-se o cadastramento das famílias, em formulário idêntico ao utilizado pelo INCRA e entrevista com todas as famílias utilizando como ferramenta questionário socioeconômico elaborado pela equipe da USP/ESALQ e MST ao longo do ano de 2013. Os 14 temas abordados no questionário foram: origem/tempo na região, organização social e política, educação, saúde, produção, práticas produtivas, alimentação, pluriatividade/relação com renda e cidade, renda, bens, infraestrutura, meio ambiente, visão estado/empresa e sonhos.

A partir do acesso ao banco de dados foram destacadas e analisadas informações específicas referentes aos sonhos das famílias do acampamento Jaci Rocha e dos demais acampamentos envolvidos no projeto. Para definição dos principais conjuntos de arranjos produtivos a serem detalhados e trabalhados com as famílias, utilizando como insumo as informações do diagnóstico socioeconômico, realizou-se um seminário com a equipe técnica do projeto e representantes do MST e da USP/ESALQ.

Como continuidade do processo, novas visitas a campo serão necessárias para socialização e validação das informações, detalhamento e levantamento de novas informações, bem como testes

metodológicos. Reuniões de estudo, trabalho e análise dos dados também estão sendo realizadas pela equipe envolvida no diagnóstico desta e das demais comunidades envolvidas.

RESULTADOS

Para contribuir no desenho dos arranjos produtivos destacam-se inicialmente três informações: a composição das famílias e a idade das mulheres e homens, futuros titulares dos lotes, as médias das rendas atual e desejada e os sonhos referentes a produção.

A composição das 122 famílias, ajuda a conhecer a informação do total de pessoas que formam o pré-assentamento Jaci Rocha, 473 pessoas, sendo 220 mulheres e 253 homens. Também é possível observar a distribuição destes entre adultos, jovens e crianças, considerando adultos a partir de 30 anos, os jovens de 13 a 29 anos e as crianças menores de 12 anos. Desta forma, das 220 mulheres, 95 são adultas, 71 são jovens e 54 são crianças e dos 253 homens, 107 são adultos, 88 são jovens e 58 são crianças. Destaca-se a quantidade de jovens, juntando mulheres e homens, representam 34% ou um terço do total de pessoas do pré-assentamento, destacando o potencial de se planejar a estruturação dos sistemas de produção e do assentamento a longo prazo.

Além de analisar o conjunto da população do acampamento, destacou-se uma análise da idade dos titulares dos lotes, reforçando a análise de que este será um assentamento com destaque para a presença de jovens. Nesta análise foram criadas classes para melhor visualizar a distribuição dos titulares na amplitude de idades, os dois histogramas (Gráfico 1 e 2) apresentados a seguir ajudam a visualizar os dados.

Para as mulheres, destaca-se uma classe com maior quantidade de mulheres, a que varia de 35 a 43 anos. Já a média de idade das mulheres, considerando apenas as mesmas 91 titulares é de 41 anos. Se considerarmos todas as 220 mulheres cadastradas, temos uma média de idade de 27,5 anos.

Para os homens, também se destaca a classe que inicia aos 35 anos e vai até 46, seguida da anterior e da posterior a ela. A média da idade dos 99 homens titulares é de 43,5 anos. Já a idade de todos os 253 homens, considerando os dependentes (filhos, netos, pais, irmãos, etc) é de 28,3. Considerando a média dos homens e mulheres titulares, temos uma média geral de idades de 42,3 anos.

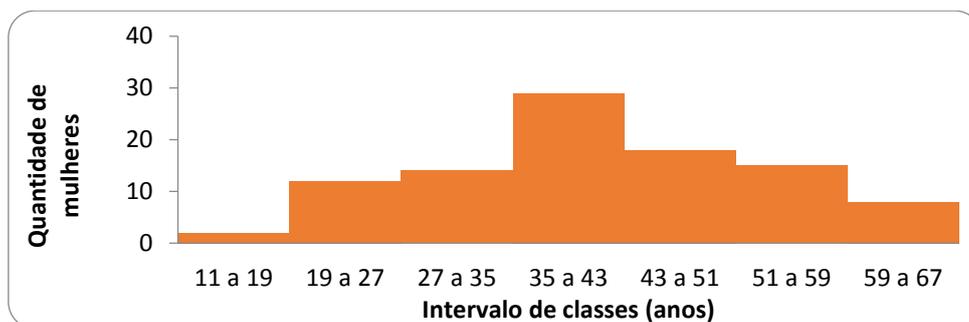


Gráfico 1 - classes de idade das mulheres titulares do Pré-assentamento Jaci Rocha, em 2013.

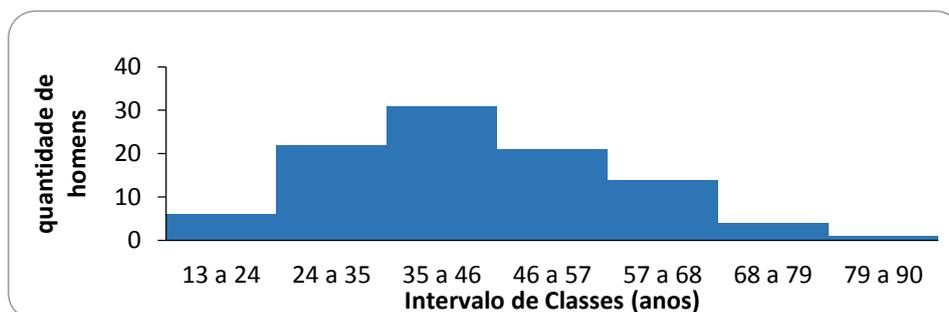


Gráfico 2 - classes de idade dos homens do Pré-assentamento Jaci Rocha, em 2013.

Uma segunda informação importante levantada foi referente à renda atual e à renda desejada pelas famílias, apresentada com o objetivo de visualizar o que se tem atualmente e qual a perspectiva de melhora das famílias no aspecto financeiro.

Para a análise da renda atual foi utilizado dado informado no momento do cadastro, no qual vale ressaltar que muitas famílias, durante a entrevista realizada nas casas, ao fazer as contas de quanto geravam de renda da roça, afirmaram não ter respondido a renda real no momento dos cadastros, de forma que este dado pode estar subestimado. Caracterizando-se assim a renda declarada nos cadastros composta principalmente por auxílios do governo como bolsa família e aposentadoria e por trabalhos fixos fora do acampamento.

A renda desejada foi perguntada ao final do questionário socioeconômico, juntamente com o conjunto de perguntas sobre os sonhos. Observou-se que algumas famílias ao dialogar sobre seus sonhos para o lote, já tinham ideia da renda que poderiam obter com os cultivos implantados, informando por vezes renda anual que poderia ser obtida. Porém a grande maioria aparentemente expressou um desejo de melhoria da renda atual, sem precisão ao dizer a renda desejada.

Para melhor visualizar a diferença entre a renda atual e a renda desejada, calculou-se a média de cada uma delas apresentando os valores em reais. Identificou-se que a renda desejada é 3,5 vezes maior que a renda atual (Gráfico 3). A comparação entre as médias da renda atual e da renda desejada possibilitam visualizar a dimensão da mudança desejada pelas famílias e também contribuem com uma linha de base para os cálculos da renda dos arranjos produtivos de cada lote.

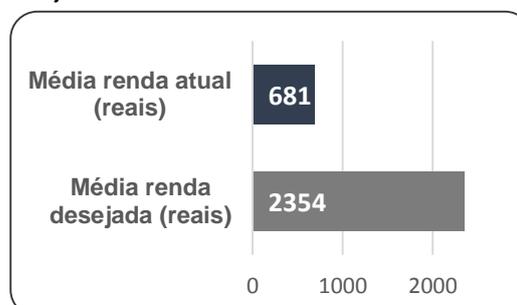


Gráfico 3 - média de renda atual e desejada das famílias do pré-assentamento Jaci Rocha, em 2013

A terceira informação (Gráfico 4), apresenta os principais sonhos referentes à produção no futuro lote. O gráfico destaca a quantidade de famílias que mencionaram no momento da entrevista cada um dos itens agrupados. A variável roça representa todos os cultivos anuais ou lavoura branca (mandioca, aipim, milho, feijão, etc.), mencionados por 107 famílias, sendo os mais comuns: mandioca, milho, feijão, abóbora e melancia. As 100 famílias que mencionaram pecuária leiteira, representam tanto o desejo de criar uma vaca para produzir o leite para consumo, como para comercialização de leite. A fruticultura abrange os desejos de estabelecimento de 'chácaras', pomares e cultivo de frutas (mamão, manga, coco, laranja, cupuaçu, entre outras mencionadas). Chácara é o nome dado na região ao quintal no entorno da casa com muitos pés de frutas, mencionada por 95 famílias. Criação de aves, 93 famílias, com destaque para galinhas, mas também mencionados pato, peru, e também 93 famílias em pequenos animais, com destaque para os suínos. O cultivo de hortaliças está presente no sonho de 68 famílias, juntando a estas 18 famílias que mencionaram especificamente as plantas medicinais. Dentre as culturas perenes e semi perenes, inclusive reconhecendo a possibilidade de formar agroflorestas, destacam-se banana, café, cacau, pimenta do reino e corante.

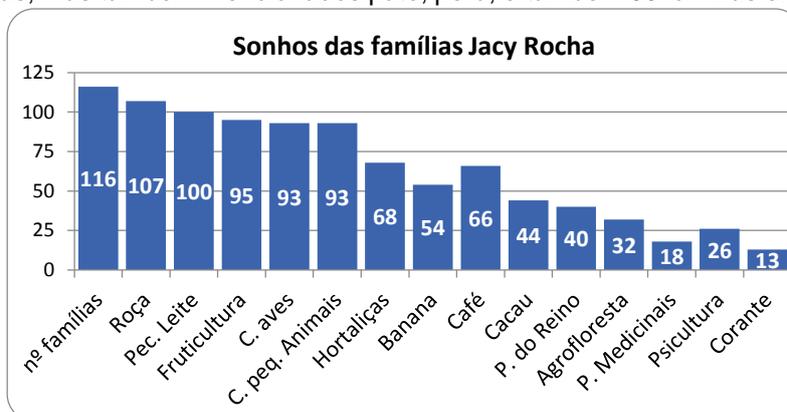


Gráfico 4 - sonhos de produção das famílias do pré-assentamento Jaci Rocha, em 2013

Baseado nestes dados e em alguns outros estudos apresentados no II Seminário Sobre Arranjos Produtivos, realizado em agosto de 2014 na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, foi possível definir sete Grupos de Trabalho compostos por técnicos e agricultores (Figura 1). Cada grupo, durante dois meses irá caracterizar as principais espécies potenciais para composição dos arranjos; sugerir arranjos dimensionados para lotes (sugestão de módulo de 1 tarefa); verificar possibilidades para obtenção de sementes, mudas e estacas; levantar custos de implantação e renda dos arranjos dimensionados; quantificar a produção dos futuros assentamentos, tomando por base indicativo de quantas famílias sonham trabalhar com a cultura; avaliar possíveis destinos para a produção; levantar as relações com outros Grupos de Trabalho; identificar agricultores referência; identificar possíveis parcerias; elaborar proposta de planejamento para as famílias.



Figura 1 - Grupos de Trabalho para detalhamento dos arranjos produtivos agroecológicos.

CONCLUSÕES

As informações apresentadas a partir da análise inicial do diagnóstico socioeconômico realizado com as famílias, contribuíram para definição dos Grupos de Trabalho dos arranjos produtivos, garantindo que os estudos e propostas avancem a partir dos sonhos das famílias.

O detalhamento dos arranjos produtivos agroecológicos será feito de forma coletiva, com participação de técnicos e agricultores, partindo dos sonhos das famílias. Informações de estudos de mercado, assim como estudos de aptidão agrícola das áreas irão contribuir com o desenho dos arranjos. Unir informações levantadas, conhecimentos dos agricultores e conhecimentos técnicos continua sendo um dos desafios para avançar na definição e implantação dos arranjos produtivos dos lotes.

Metodologias participativas podem ser utilizadas para detalhar os sonhos das famílias, identificar grupos de interesse para influenciar na organização territorial dos núcleos de moradia e potencializar o planejamento espacial dos lotes, fortalecendo a integração entre os diversos arranjos produtivos e potencializando a estruturação de sistemas agroflorestais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOLA POPULAR DE AGROECOLOGIA E AGROFLORESTA EGÍDIO BRUNETTO. **Projeto Político Pedagógico**. Prado/BA, 2014. (documento interno)

GLIESSMAN, Stephen. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3ª Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

KAGEYAMA, P. Y. **Biodiversidade como ferramenta em agroecossistemas**. In: 59º Congresso Nacional de Botânica, 2008, Nata - UFRN. Anais do 59º Congresso Nacional de Botânica, 2008. Disponível em: http://lcf.esalq.usp.br/prof/pedro/lib/exe/fetch.php?media=ensino:graduacao:art_pk_biodiv_ferramenta.pdf

SILVA, I. C. **Sistemas agroflorestais: conceitos e métodos**. 1ªed, SBSAF, Itabuna, 2013. 308p

SEI - SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Uso atual das terras: Bacias do Extremo Sul e do Rio Jequitinhonha**. – Salvador, 2008. 176 p. il. (Série estudos e pesquisas, 81).